

NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE O REALISMO DE LEIBNIZ

Rayane Ribeiro dos Santos²¹⁹

Resumo: O objetivo desse texto é apresentar uma breve introdução ao realismo de Leibniz. Para isso, iremos mostrar um corte epistemológico dos seus textos antes e depois dos *Novos ensaios sobre o entendimento humano*, que é a obra principal utilizada nesse texto, faremos essa divisão para evidenciar que o filósofo alemão não é um nominalista, pois em textos anteriores ao que estabelecemos como principal, ele era considerado como tal. Deste modo, para defender a hipótese que Leibniz é um realista seguiremos uma cadeia argumentativa que consiste em um primeiro momento abordar acerca do convencionalismo ou cratilismo de Leibniz a partir da sua consideração das línguas naturais ou históricas. Em um segundo momento, iremos tratar da realidade do conhecimento humano no que concerne à realidade das ideias, discutindo as definições reais e as conexões de ideias para sustentar a hipótese de que Leibniz é um realista.

Palavras-chave: Leibniz; Convencionalismo; Cratilismo; Realismo; Nominalismo.

Abstract: The aim of this text is to present a brief introduction to Leibniz's realism. For this, we will show an epistemological cut of his texts before and after the New essays on human understanding that is the main work used in this text, we will make this division to show that the German philosopher is not a nominalist, because in texts prior to what we established as the main one, he was considered as such. Thus, to defend the hypothesis that Leibniz is a realist we will follow an argumentative chain that consists in a first moment to approach about the conventionalism or cratilism of Leibniz from its consideration of natural or historical languages. In a second moment, we will deal with the reality of human knowledge with regard to the reality of ideas, discussing about the real definitions and connections of ideas to support the hypothesis that Leibniz is a realist.

Keywords: Leibniz; Conventionalism; Cratilism; Realism; Nominalism.

INTRODUÇÃO

²¹⁹ Graduanda do curso de Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), integrante do Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem da UFS (GEFILUFS), bolsista voluntária do PIBIC, financiado pelo CNPq, tendo como orientador William de Siqueira Piauí. E-mail para contato: rayribeiro425@gmail.com

O objetivo desse texto é apresentar uma breve introdução ao realismo de Leibniz. Para isso, iremos abordar a diferenciação do conceito de realismo e nominalismo. Tendo feito essa distinção, mostraremos um corte epistemológico dos textos de Leibniz antes dos *Novos ensaios sobre o entendimento humano*, que é datado de 1764, essa será a obra principal utilizada nesse texto, em outras obras anteriores a essa o filósofo alemão era considerado um nominalista, pois em seu outro texto intitulado *Dissertação sobre o estilo filosófico de Mário Nizólio* (1670), Leibniz era tido como um. Todavia, nossa hipótese central é que Leibniz é um realista, realizando assim uma espécie de ruptura com as ideias antes estabelecidas, o que evidenciará a nossa hipótese. Deste modo, para defender isso seguiremos uma argumentação que consiste em um primeiro momento abordar acerca do convencionalismo ou cratilismo de Leibniz a partir da sua consideração das línguas naturais ou históricas. Em um segundo momento, iremos tratar da realidade do conhecimento humano no que concerne à realidade das ideias, discutindo sobre as definições reais e as conexões de ideias para sustentar a hipótese de que Leibniz é um realista.

Primeiro iremos diferenciar o que é nominalismo e realismo. De acordo com o *Dicionário Básico de Filosofia*, de Hilton Japiassú e Danilo Marcondes, nominalismo é caracterizado como uma:

Corrente filosófica que se origina na filosofia medieval, interpretando as ideias gerais ou universais como não tendo nenhuma existência real seja na mente humana (enquanto conceitos), seja enquanto formas substanciais (realismo), não sendo apenas signos linguísticos, palavras, ou seja, nomes. (JAPIASSÚ, MARCONDES, 2001, p. 140).

Aqui entende-se que o nominalismo é uma doutrina que mostra que as ideias gerais, vistas como gêneros ou espécies, são nomes que não tem realidade fora da mente ou espírito. Entretanto, para os nominalistas existe uma realidade, para eles a realidade são os próprios indivíduos e os objetos particularmente conhecidos. Partindo disso, o nominalismo não admite a existência do universal, ele é um mero conceito abstrato, que se reduz aos objetos ou entidades particulares.

Tendo entendido, por definição, o que é nominalismo, passaremos neste momento, para o conceito de realismo. Segundo o *Dicionário Básico de Filosofia*, de Hilton Japiassú e Danilo Marcondes, realismo é caracterizado como uma:

Concepção filosófica segundo a qual existe uma realidade exterior, determinada, autônoma, independente do conhecimento que se pode ter sobre ela. O conhecimento verdadeiro, na perspectiva realista, seria então a coincidência ou correspondência entre nossos juízos e essa realidade. As principais dificuldades relacionadas ao realismo dizem respeito precisamente à possibilidade de acesso a essa realidade autônoma e predeterminada e à justificação dessa correspondência entre mente e real. (JAPIASSÚ, MARCONDES, 2001, p. 164).

O realismo, diferentemente do nominalismo defende uma linha de pensamento em que os objetos materiais possuem realidade independente de qualquer relação com o indivíduo, ou seja, ideias, coisas, gêneros e espécies são reais. Essa discussão acerca das ideias dos universais, era um dos mais importantes problemas filosóficos principalmente no medievo. Para problematizar ainda mais sobre essa questão, Porfírio de Tiro, em sua *Isagoge*, uma introdução ao estudo das *Categorias* de Aristóteles, trata dessa problemática apresentando algumas distinções acerca dos gêneros e espécies:

Antes de mais nada, no que tange aos gêneros e as espécies, acerca da questão de saber (1) se são realidades subsistentes em si mesmas ou se consistem apenas em simples conceitos mentais (2) ou, admitindo que sejam realidades subsistentes, se são corpóreas ou incorpóreas e, (3) neste último caso, se são separadas ou (4) se existem nas coisas sensíveis e delas dependem. [...]. (*Apud* ARISTÓTELES, 1999, p. 35).

Com a citação anterior, podemos perceber que existem algumas divisões acerca dos gêneros e espécies, elas podem ser reais ou não, se tiverem realidades são classificadas em mais dois grupos que são corpóreas ou incorpóreas. Para defender o realismo de Leibniz, iremos no ater à possibilidade que os gêneros e as espécies possuem sim uma realidade

Diante dessa distinção dos conceitos de nominalismo e realismo. Passaremos para o recorte epistemológico dos textos de Leibniz anterior aos *Novos ensaios sobre o entendimento humano*, existem algumas obras desse período que mostram alguns motivos pelo quais o filósofo alemão é considerado nominalista por alguns autores. No entanto, nesse recorte iremos utilizar especificamente o texto chamado de *Dissertação sobre o estilo filosófico de Mário Nizólío* (1670), essa obra é um comentário ao texto de Mário Nizólío intitulado de *Sobre os verdadeiros princípios e o verdadeiro método de filosofar*. Falaremos especificamente dos capítulos, XVII, XXVIII, XXXI, XXXII. No capítulo XVII desse texto, Leibniz discute o problema do realismo quando afirma que só deve filosofar baseado em coisas concretas, não o contrário. Pois, ele acreditava que a imaginação de palavras abstratas tornava a filosofia obscura, porque os modos são relações das coisas com o intelecto ou com as faculdades de representação, nesse aspecto se houver a replicação de infinitos modos pode acarretar em contradição. Por isso, para Leibniz os termos abstratos deveriam ser substituídos por termos concretos, por exemplo:

O homem é racional, substituí-la por o homem tem racionalidade, ou aquele que tem a humanidade tem [também] a racionalidade, ou: a racionalidade está contida na humanidade, não é apenas metafórico, mas é também supérfluo; e do mesmo modo seria como se alguém dissesse no lugar dessa mesma proposição o seguinte: é certo, é verdadeiro, não se pode duvidar; quem quer que esteja atento entenderá, perceberá; a ideia de homem impressa, pelos sentidos, em minha mente confirma que o homem é racional; as quais são capazes de ilustrar e inculcar algo para transformar os gêneros

da realidade que nada acrescentam a não ser relação da coisa com a mente, para filosofar, para definir, dividir e demonstrar com exatidão. (LEIBNIZ, 2021, p. 18/19).

Apesar do tempo de publicação, Leibniz retoma esse assunto no Livro III, dos *Novos ensaios* no capítulo VIII, intitulado de "Os termos abstratos e concretos". Nesse capítulo, o filósofo alemão divide os termos abstratos em dois, um chamado de termos abstratos lógicos e o outro de termos abstratos reais. O primeiro diz respeito as predições reduzidas aos termos, por exemplo, ser homem e ser animal, é possível proferir um do outro sem que haja a verificação na realidade que ser homem é ser animal. Os termos abstratos reais consistem nas essências das coisas e nos acidentes que podem ser destacados nas substâncias.

No capítulo XXVIII, trata de um assunto que é importante para nosso tema porque é onde os comentadores de Leibniz defendem que ele era nominalista por causa da sua defesa aos escolásticos nominalistas.

Mas quanto os escolásticos do século passado e deste eram inferiores em perspicácia que os mais antigos, a escola dos nominalistas pode ser a prova. É a mais profunda [escola] de todas entre as escolásticas e a mais congruente com o método da filosofia hodierna reformada. Como tivesse florescido em outro tempo, agora, certamente, extinguiu-se, pelo menos entre os escolásticos. Donde concluis que a agudeza, ao invés de aumentar, diminuiu. (LEIBNIZ, 2021, p. 28).

Leibniz afirma no texto que Nizólio era nominalista, por conta disso sua filosofia o leva a grandes equívocos, como por exemplo na refutação da realidade das formas e dos universais. Diante disso, Leibniz decide reunir algum conhecimento acerca dos nominalistas, define eles como sendo “os que pensam que todas as coisas, salvo as substâncias singulares, são [só] puros nomes; negam, pois, absolutamente, a realidade dos abstratos e os universais” (LEIBNIZ, 2021, p. 28). Além disso, os nominalistas defendem que tudo pode ser explicado pela natureza humana, mesmo que não haja universais e as formas reais. Esse argumento advém do pensamento de Aristóteles acerca da demonstração que é percebida pela natureza das coisas. Porém, para Leibniz há um problema porque ao afirmar isso é preciso comprovar que os nomes são universais, ele comenta que muitos estudiosos tentaram explicar com exemplos sobre isso, mas que não obtiveram sucesso.

Nos capítulos XXXI e XXXII, o filósofo alemão vai argumentar sobre o principal erro de Nizólio que é sobre a natureza dos universais. Para ele, “o universal não é outra coisa senão que todos os singulares tomados simultânea e coletivamente e quando digo “todo homem é animal”, o sentido é “todos os homens são animais” (LEIBNIZ, 2021, p. 30). No entanto, Leibniz acha isso incerto pois atribuir uma abstração a um grupo de indivíduos ligados por um predicado comum, não quer dizer a mesma coisa acerca de indivíduos específicos, Leibniz

argumenta que não se segue de que o universal sejam todo o coletivo. Deste modo, segue em oposição a Nizólio, afirmando que se os universais não são nada além de coleção de singulares, a ciência por demonstração estaria comprometida pois restaria apenas uma coleção de induções, coisa que Leibniz rejeita porque causaria dúvidas acerca dos indivíduos, para refutar isso ele menciona o exemplo do fogo, cito:

No entanto, dirás, que o fogo (isto é, o corpo luminoso, trêmulo e tênue) que surge da lenha, ordinariamente, queima; dizemos, universalmente, ainda que ninguém tenha submetido à experiência todos os fogos de tal tipo, mas que naqueles que submetemos à experiência, a coisa ficou esclarecida. (LEIBNIZ, 2021, p. 31).

Diante disso, é bom ressaltar que esse texto de Leibniz é escrito na sua juventude, quando seu sistema filosófico ainda não estava totalmente acabado, podendo conter alterações ao longo do tempo. Pode-se perceber que um dos motivos para que alguns comentadores defendessem que Leibniz é um nominalista, já que ele defendia os escolásticos nominalistas. Além dos assuntos ligados aos termos abstratos e concretos, que culmina no problema dos universais que reconduzirá Leibniz ao problema do realismo.

Partiremos agora para o convencionalismo ou cratilismo de Leibniz a partir da sua consideração das línguas naturais ou históricas. Utilizaremos os *Novos ensaios sobre o entendimento humano* (1764), mais especificamente o livro III, capítulo I, II e III e o livro IX.

Esse livro está escrito na forma de diálogo entre os personagens Teófilo e Filaleto. O primeiro desses, cujo nome significa “amigo de Deus”, representa as opiniões de Leibniz e o segundo, Filaleto, cujo nome significa “amigo da verdade”, representa as opiniões de John Locke. No texto, referenciamos com os nomes dos autores mencionados. Antes de adentrarmos as considerações de Leibniz, é bom apresentar um pouco sobre o cratilismo, o *Crátilo* é uma obra de Platão que mostra um debate entre Crátilo e Hermógenes a respeito dos nomes, se eles são “convencionais” ou “naturais”. Assim, se considerarmos as etimologias de Crátilo como verdadeiras, temos o que chamamos de naturalismo. Em oposição a isso, se tomarmos como certas a interpretação de Hermógenes denominamos como cratilismo. Tendo feito, iremos passar para as considerações de Leibniz, no livro III, capítulo I dos *Novos Ensaios*, Leibniz argumenta que os órgãos são necessários para formação de palavras, em que os termos gerais são essenciais para constituição da linguagem. Além disso, o filósofo alemão é contra a tese de Locke, no qual alega que os termos gerais nomeiam coisas particulares. No entanto, Leibniz defende que se nomeássemos coisas particulares não poderíamos falar de nomes próprios ou apelativos, pois a origem das palavras é de fatos apelativos e não de nomes particulares como defende Locke, mas sim de termos gerais que são fundamentadas nas similitudes.

Os **termos gerais** não só servem à perfeição das línguas (*des langues*), mas, inclusive, são necessários à sua constituição essencial. Pois, se pelas **coisas particulares** entendem-se as individuais, seria impossível falar se só existissem nomes **próprios** e de modo algum **apelativos** (*appellatifs*), isto é, se só existissem palavras para os indivíduos, visto que a todo momento reaparecem novas quando se trata dos indivíduos, dos acidentes e particularmente das ações, que são aquilo que mais se designa; mas se pelas coisas particulares se quer dizer as espécies [ou categorias] mais baixas (*espécies infimas*), além do fato que frequentemente é bem difícil determiná-las, é manifesto que estas já são universais fundadas sobre a similitude (*fondés sur la similitudine*). (LEIBNIZ, 2019, p. 49).

Neste aspecto, os termos gerais são essenciais para a constituição de nomes próprios e apelativos, porém Locke ainda continua sua tese, afirmando as atribuições sobre os nomes particulares, mas desta vez volta sua investigação para as palavras em que através das ideias sensíveis poderiam nós mostrar a origem de todas as noções e conhecimento. No entanto, Leibniz diz que as ideias sensíveis não são coisas, mas sim similitudes que tratam do nome próprio. Sendo assim, seria impossível conhecer as origens das línguas por causa do decaimento do gênero humano, apenas sendo possível contar a história através das descobertas. Aqui percebemos que Leibniz adere a uma parte da tese do Crátilo, quando argumenta que as palavras significam por associação e não por convenção.

Acontece que nossas necessidades nos forçaram a deixar a ordem natural das ideias, pois esta ordem seria comum aos anjos e aos homens e a todas as inteligências em geral e deveria ser seguida por nós, se não considerássemos absolutamente nossos interesses: foi preciso, então, ater-se àquela [ordem] que as ocasiões e os acidentes à qual nossa espécie está sujeita nos forneceu; e esta ordem não dá **origem a origem das noções**, mas [fornece], por assim dizer, **a história das nossas descobertas**. (LEIBNIZ, 2019, p. 46).

No livro III, capítulo II, Leibniz vai investigar o aspecto material das palavras para provar que elas não são arbitrárias. Na realidade elas precisam de uma razão natural e uma convencional. Para isso, ele começa analisando a corrupção das línguas principalmente no que concerne ao vocabulário de palavras.

Eis um bastante manifesto e que compreende diversos outros. A palavra **oeil** (olho) e sua parentela (*parentage*) pode servir a isso. Para fazê-lo ver, começarei de um pouco mais longe. A (primeira letra) seguida de uma pequena aspiração faz *Ah* e como é uma emissão de ar, a qual produz um som bastante claro no começo e em seguida evanescente; este som naturalmente significa (*signifie naturellement*) uma pequena expiração (*spiritum lenem*), quando *a* e *h* não são pouco fortes. É daí que *áo*, *aer*, *aura*, *haugh*, *halare*, *haleine*, *átmos*, *athem*, *odem* (alemão). Mas, como a água também é um fluido, e produz barulho, disso surgiu (ao que parece) que *Ah* tornado mais grosseiro mediante duplicação, isto é, *aha* ou *ahha*, foi tomado por água. (LEIBNIZ, 2019, p. 58).

Leibniz procurou evidenciar que a origem das palavras se dá a partir relação de movimentos internos e da sua corrupção. Deste modo, a partir dos aspectos materiais e naturais, a linguagem não deriva apenas de convenção e nem da relação de sentido. Nesse aspecto, a

significação das palavras acontece como uma espécie de misto entre natureza tese do Crátilo e por acaso tese do Hermógenes.

O capítulo III é um dos mais importantes, pois ele trata dos termos gerais. Aqui será retomado o problema da significação das palavras a partir de seus aspectos formais, associado a questão da linguagem, noções de similitude, gênero e espécies que irão evidenciar a questão do realismo em Leibniz. Locke retoma sua explicação acerca da linguagem associada ao seu empirismo quando menciona novamente que o problema dos termos gerais começa quando as línguas foram aperfeiçoadas através deles, significando apenas ideias gerais que são invenções do entendimento. Nesse sentido, Leibniz continua defendendo que os nomes próprios foram ordinariamente apelativos e vai apontando alguns problemas das nomeações de particulares. Porém, Locke argumenta que a questão da similitude só tem importância nos termos gerais, pois os indivíduos recorrem com frequência aos nomes próprios. O filósofo alemão alega que já havia falado desse tema, uma vez que alguns nomes que foram derivados por termos gerais são significados por associação. Assim, as palavras derivam dos termos gerais que foram atribuídos por associação ou similitude.

Adiante, o filósofo inglês denomina a origem dos termos gerais e dos nomes apelativos, quando alega que “as palavras se tornem gerais quando elas são signos de ideias gerais, e as ideias se tornem gerais quando por abstração seja separada delas o tempo, o lugar, ou uma outra circunstância que pode determina-las a uma ou outra existência particular” (LEIBNIZ, 2019, p. 67), ou seja, Locke aqui transformou as palavras em representações de ideias gerais, em que elas só se tornam gerais por meio da abstração. Para Leibniz não tem problema o uso das abstrações, porque elas acontecem de forma crescente que vai das espécies aos gêneros.

Insistentemente, Locke continua defendendo a sua tese que a formação de ideias abstratas é o que atribui certos nomes, essas ideias gerais não tem nenhuma realidade. Aqui percebemos a explicitação dessa conceituação de convencionalismo ou nominalismo, no qual Leibniz é contra insistindo em um realismo baseado na associação de possibilidade, não apenas nominal, mas de sua essência realmente possível. Adiante iremos nos ater aos dois assuntos que estão na obra *Dissertação sobre o estilo filosófico de Mário Nizólio*, que já estávamos debatendo que é acerca dos gêneros e espécies e o problema dos universais que será fundamental para sustentar a nossa hipótese.

Locke segue argumentando que as palavras são definidas pelo gênero ou espécie do termo geral mais próximo, como exemplo que é o homem é um animal racional, homem é a diferença específica dentro de um gênero que é animal, nesse sentido o que difere é a

racionalidade. Leibniz responde que concorda com as observações, mas que seria melhor que as definições fossem de dois termos. Assim, ele utiliza definições de outra área que é a geometria. A depender da organização o gênero toma o lugar da diferença e vive versa.

Assim Locke adentra no problema do universal, afirmando de modo claro que o universal ou geral não existe, é puro conceito, nome. “Segue-se, daquilo que eu acabava de dizer, que aquilo que é chamado geral e universal não pertence de modo algum à existência das coisas, mas que é uma obra trabalho do entendimento” (LEIBNIZ, 2019, p. 70).

Leibniz é contrário a Locke, quando ele diz que as essências de cada coisa são ideias. O filósofo alemão argumenta que não existe essência nenhuma, alcançada nesses nomes. A generalidade consiste na semelhança das coisas entre elas, essa semelhança é uma realidade. “Eu não vejo bem esta consequência. Pois a generalidade consiste na semelhança (*ressemblance*) das coisas singulares entre elas, e esta semelhança (*ressemblance*) é uma realidade (LEIBNIZ, 2019, p. 71).

Partiremos para o último momento do texto, no qual falaremos acerca das realidades das ideias presente no livro IX. O embate de Leibniz e Locke continua, dessa vez no que consiste a realidade das ideias. Para o filósofo alemão, Locke não oferece uma resposta precisa e acaba por criar critérios para responder essa questão.

§2 Respondo que as nossas ideias concordam com as coisas. §3, Todavia, perguntar-se-á qual o *critério*. §4. Respondo, *primeiramente*, que esta concordância é manifesta quanto às ideias simples do nosso espírito, pois, não podendo o espírito formá-las ele mesmo, é necessário que sejam produzidas pelas coisas que agem sobre o espírito; *em segundo lugar*, §5 que todas as nossas ideias complexas (excetuadas as das substâncias), sendo arquétipos que o próprio espírito formou e que não destinou a serem cópias do que quer que seja, nem relacionou com a existência de qualquer coisa como a seus originais, não podem elas deixar de ter toda a conformidade com as coisas necessárias a um conhecimento real. (LEIBNIZ, 1984, p. 315).

Para Leibniz, ter ou não um conhecimento real traz de volta a questão se há originais ou arquétipos de ideias. O filósofo alemão afirma que há os arquétipos, porém estão tanto fora das coisas quanto nas coisas, isso tem uma resposta nas línguas naturais e históricas ou no ambiente das línguas artificiais. As definições reais permitem alcançar as essências mesmo com as ideias complexas como ao alcance de uma realidade, porque acima de tudo se é uma conexão de ideias geram verdades e se essas ideias forem reais, é preciso de uma fonte última da realidade das ideias que nesse caso é o entendimento Divino, e isso é realismo. Por isso, Leibniz retoma aos arquétipos, eternidade e a possibilidade presente livro III, nos capítulos I a III que mencionamos na primeira parte que é a questão da similitude, ela é a fonte assim como cada uma das essências dos gêneros, das espécies e a possibilidade das coisas. Se uma ideia geral for possível, ela é um

arquétipo do entendimento Divino, o problema é que nem toda a ideia é possível, então isso seria apenas nominal, mas quando essa ideia não tem nenhuma contradição é uma possibilidade autêntica que pode ser considerada uma ideia real. Portanto, isso é realismo.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Categorias e De interpretatione e Isagoge (de Porfírio)*. Tradução de Afonso Garcia Suarez et al. Madrid: Tecnos, 1999.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Terceira edição revista e ampliada por Jorge Zahar, Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

LEIBNIZ, G. W. *Novos ensaios sobre o entendimento humano*. Tradução. Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

LEIBNIZ, G. W. Dissertação sobre o estilo filosófico de Nizólio (1670). Tradução de Hudson Canuto. *O Manguenzal - Revista de Filosofia*, v. 2, n.9, pp. 49-96, 2021.

PIAUI, William de Siqueira. *Leibniz e a Linguagem: línguas naturais, etimologias e história*. Curitiba: Kotter Editorial, 2019.

PIAUI, William de Siqueira. Querela da realidade dos objetos lógico-matemáticos: UMA INTRODUÇÃO À FILOSOFIA MODERNA. *Kalagatos*, [S. l.], v. 11, n. 21, p. 523–549, 2021.

DOI: 10.23845/kalagatos.v11i21.6115. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/6115>. Acesso em: 16 de abril 2022.